

Conhecer a cidade...

Rita Manteigas (*)

A protecção do património pelos cidadãos só acontece quando estes têm consciência de que o quotidiano que os rodeia está carregado de múltiplos sentidos. Cada habitante de uma cidade, natural ou de passagem, detem a sua visão da cidade, naturalmente um olhar intimamente relacionado com o seu próprio percurso pessoal.

Poder-se-à juntar a esta memória pessoal uma memória colectiva, reflexo de acontecimentos locais, nacionais ou mesmo internacionais, que explica determinadas estruturas e equipamentos socio-económicos, estatais ou privados, edifícios ou objectos, a imagem que constitui uma determinada paisagem urbana. Ao consolidar em si estas duas formas de sentir a cidade, a população sentir-se-à melhor preparada para acautelar a herança dos seus antepassados que sente querer deixar aos seus descendentes, despoletando uma atitude crítica através de princípios afectivos mas com argumentos de ordem lógico-racional, sejam de carácter histórico, estético ou outros.

Com efeito, a historiadora de património Françoise Choay, refere que a noção de Património implica afecto, o sentimento de posse (neste caso, colectiva), o conhecimento e a nomeação dos objectos. Muitos edifícios poderão fazer parte da História (foram estudados cientificamente) mas não da memória e identidade de uma cidade. Se esta não lhe atribuir significado não existem. Da mesma forma, edifícios/estruturas sem significado histórico relevante, estético ou outro, fazem parte da memória da população e são por isso defendidos por esta.

Fazendo o exercício teórico de imaginar um trecho da cidade como se dum palimpsesto se tratasse (documento no qual se podem diferenciar no presente várias camadas escritas em diferentes épocas, que se sobrepunham para que o material de base fosse reutilizado) podemos seleccionar na antiga cidade de Tavira, o Palácio da Galeria, edifício monumental da segunda metade do século XVIII, que alberga actualmente o Museu Municipal da cidade.

Examinando das suas fundações à linha do céu, somos convocados a fazer uma verdadeira viagem no tempo. A sua localização no cimo da genética colina de Santa Maria (permitindo visualizar toda a cidade assim como ser visualizado a partir de toda a cidade) possibilitou que a campanha arqueológica colocasse à vista um conjunto de estruturas votivas semi-circulares elaboradas pelos Fenícios quando aqui estiveram estabelecidos. Acima destas, a reabilitação arquitectónica efectuada deu a ver, ao nível do piso térreo, uma porta tardo-gótica (antes entaipada) de uma antiga rua medieval, eixo que com o tempo deixou de ser utilizado e cujo traçado passava pelo átrio do edifício. Subindo ao primeiro piso, a galeria da época renascentista, que deu nome ao palácio, foi pertinentemente respeitada por Diogo Tavares de Ataíde, arquitecto que delineou a feição barroca do edifício. Esta arcaria, elemento arquitectónico distintivo surgindo somente em casas com prestígio numa cidade influente, é testemunho da pujança económica e artística de Tavira na Época Moderna, quando ao seu porto acostavam barcos provenientes de várias rotas comerciais proporcionadas pelos Descobrimentos. O remate do palácio, com os telhados ditos de tesoura, constitui prova material da influência estética do Oriente na paisagem urbana da cidade, cobertura ainda requisitada durante o estilo barroco, período característico pelas encenação das suas fachadas principais, como aqui se verifica completamente -a fachada de tardoiz, apresenta-se sem ordenamento das janelas e estas sem cantaria a delimitá-las.

Sendo verdade que remodelar um edifício é também fossilizar uma interpretação arquitectónica e histórica do mesmo, contudo, uma visita hoje ao Palácio da Galeria/Museu Municipal, permite aos tavirentes e aos turistas que visitam a cidade, um ponto de partida para contar grande parte da história de Tavira. Os tavirenses, que podiam defender este edifício pelas múltiplas funções cívicas que dele guardavam na sua memória recente – albergou o tribunal, as finanças

e principalmente uma escola que formou muitos deles, podem agora juntar uma História e formas com mais de 2600 anos.

(*) Historiadora de Arte. Sócia da AGECAL